



## **Emergências multidimensionais para intersecções entre gênero, saúde e agroecologia**

*Multidimensional emergencies for intersections between gender, health and agroecology.*

CORADIN, Cristiane<sup>1</sup>; BRANDENBURG, Alfio<sup>2</sup>; SCHWENDLER, Sonia Fátima<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Paraná, cristianemottimcoradin@gmail.com; <sup>2</sup> Universidade Federal do Paraná, alfio@hotmail.com.br; <sup>3</sup> Universidade Federal do Paraná, s.f.schwendler@qmul.ac.uk

### **Eixo temático: Saúde e Agroecologia**

**Resumo:** Esse artigo foi construído a partir de dados preliminares de pesquisa de campo realizada em 2018 com mulheres sem terras envolvidas na construção de experiências agroecológicas no Estado do Paraná. Nesse texto trazemos questões que visam interseccionar gênero, saúde e agroecologia. Através da metodologia de história oral temática, buscamos compreender como o debate de gênero se situa na construção das ecologias e noções de saúde, através das experiências agroecológicas desenvolvidas pelas mulheres sem terras. Para elas, a agroecologia constitui-se como um *ethos*, um estilo de vida que assegura saúde à mulher sem terra, às suas famílias e à sociedade, se constituindo como um tipo camponês popular e feminista de saúde coletiva e de bem viver. Por um lado, a saúde é vista desde a perspectiva do corpo das mulheres e dos agroecossistemas, através da alimentação. E por outro lado, a saúde é vista desde a perspectiva psicoemocional, onde elas destacaram que a agroecologia tem promovido saúde mental às mulheres Sem Terras. Por fim, analisamos que uma noção ampliada de saúde coletiva, de cuidado e de bem viver emerge dessas experiências, desde bases sócio-políticas feministas e emancipatórias.

**Palavras-chave:** feminismo, mulheres, agroecologia, saúde, saúde coletiva

**Abstract:** This article was constructed from preliminary data based on field research carried out in 2018 with landless women involved in the construction of agroecological experiences in the State of Paraná. In this text we present issues that seek to intersect gender, health and agroecology. Through the methodology of oral history, we try to understand how the gender debate is situated in the construction of ecologies and notions of health, through the agroecological experiences developed by landless women. For them, agroecology constitutes an *ethos*, a lifestyle that assures health to the landless woman, their families and society, becoming a popular and feminist peasant type of collective health and well-being. On the one hand, health is seen from the perspective of women's body and of agroecosystems through food. And on the other hand, health is seen from a psycho-emotional perspective, where they pointed out that agroecology has promoted mental health for landless women. Finally, we analyse that an expanded notion of collective health, well-being and care emerges from these experiences, from the feminist and emancipatory socio-political perspectives.

**Keywords:** feminism, woman, agroecology, health, collective health

### **Introdução**



Esse estudo é um esforço de aproximação temática entre agroecologia, gênero e saúde, a partir das vozes das mulheres sem terras. Nesse breve texto trouxemos algumas reflexões oriundas de extratos das histórias de vida das mulheres pesquisadas, com objetivo de elencar algumas possibilidades concretas com quais possamos começar a trilhar passos acadêmicos rumo a entendimentos contemporâneos sobre emergências de intersecção entre agroecologia, saúde e gênero, através das práticas e experiências agroecológicas vivenciadas pelas mulheres Sem Terras.

## **Metodologia**

Esse texto é resultante de parte dos resultados preliminares de pesquisa de campo de doutoramento da primeira autora, onde buscamos, dentre outros objetivos, destacar elementos que nos possibilitem compreender os sentidos que as mulheres sem terras atribuem à agroecologia em suas dinâmicas de vida no Estado do Paraná. Para tanto realizamos pesquisa qualitativa, baseada em história oral e história de vida temática (MINAYO, 2001), onde foram realizadas 21 entrevistas em profundidades com mulheres camponesas sem terras, localizadas no Acampamento Emiliano Zapata, município de Ponta Grossa – Paraná, complementadas por 08 (oito) entrevistas com mediadoras sócio-políticas participantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e 04 (quatro) mediadoras sócio-técnicas de universidades e agentes de extensão rural distribuídas no Estado do Paraná, nas cidades de Francisco Beltrão, Londrina e Cascavel.

## **Resultados e Discussão**

Nas construções ecológicas das mulheres Sem Terras, identificamos a relevância da temática da alimentação como ponto de partida e centralidade para debater-se intersecções entre gênero, saúde e agroecologia.

A preocupação com o envenenamento dos alimentos, da Terra e das pessoas por meio da agricultura convencional, do uso intensivo de agroquímicos, e do consumo de alimentos provenientes desse tipo de agricultura foi uma constante, ao indicarem as razões pelas quais optaram pela agroecologia.

Elas ressaltaram a relevância do movimento social, em especial do setor de Gênero e de Saúde do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras, na construção de novas percepções sobre saúde, corpo e empoderamento feminino.

Quando indagadas sobre os sentidos da agroecologia para si, muitas delas destacaram a importância da agroecologia na proteção da saúde do seu corpo, de seus familiares e da sociedade, através da alimentação:

E: o que é a agroecologia para a senhora?



V: olha, agroecologia para mim é uma coisa que você está, que nem diz o causo, até se protegendo de alguma doença. Porque ali não vai veneno, não vai nada químico, você vai se proteger de muita coisa. É muito bom para a saúde da gente, então a gente se protege e protege a família da gente. Porque os filhos também vem e levam a verdurinha[...]  
(ENTREVISTADA V.).

Aos poucos, elas também passam a compreender a terra como organismo vivo, passível de saúde e/ou adoecimento. Essa preocupação com o organismo Terra, entendida como um tipo de cuidado (TRONTO, 2008) e, ao mesmo tempo, como construção de uma racionalidade socioambiental (LEFF, 2014), aproxima-se de perspectivas ecofeministas de cuidado com a Terra (PULEO, 2013), na medida em que estende essa preocupação para além dos humanos, englobando agroecossistemas (GLIESSMAN, 2000):

E: O que é agroecologia para você?  
[...]

C: para mim agroecologia eu acho que é manter o bioma local, adaptando as plantas com as plantas nativas, sem precisar destruir uma para manter a outra, mas manter a terra né, a capacidade da terra.  
(ENTREVISTADA C.).

Outro aspecto relevante identificado é que com a prática da agroecologia elas tem obtido mais saúde mental. Nesses casos, elas problematizaram tradicionais e patriarcais divisões sexuais do trabalho camponês (PAULILO, 2016), associadas à execução de trabalhos domésticos rotinizados, considerados não criativos, cansativos e causadores de adoecimento mental.

Com a prática agroecologia, elas destacaram que tem conseguido romper com o espaço e o trabalho doméstico rotinizado, realizando uma atividade considerada prazerosa, criativa, além de geração de renda e autonomia financeira. Através dessas experiências, elas destacaram que tem conseguido superar quadros de tensão nervosa, depressão, ansiedade e estresse:

E: o que isso é significativo para você essa experiência com agroecologia, para você como mulher?

L: ah eu acho que essa experiência é boa para a gente é boa né, para a gente não ficar tanto a toa né.

[...]

L: não, é assim que a gente fica dentro de casa quatro paredes só, a gente quase não sai, a gente não fica bem né, e que nem se a gente tem a horta lá, a gente vai lá limpar, é tipo uma terapia para a gente.

L: [...] mas tem gente aqui que tem depressão de ficar só dentro de casa.  
(ENTREVISTADA L.).

Por outro lado, várias mulheres destacaram que mesmo que tenham assumido experiências produtivas agroecológicas, essas ações não têm sido acompanhadas por redefinições significativas de divisões sexuais do trabalho com seus maridos. Sendo que em um dos casos analisados, a entrevistada destacou esse excesso de



trabalho reprodutivo e produtivo como um dos fatores que lhe levou a vivenciar um aborto espontâneo.

Indicando as contradições de gênero dessas experiências agroecológicas, as quais ao mesmo tempo em que tem gerado ampliação de processos de empoderamento feminino (LEON, 1997), não tem conseguido reconstruir tradicionais e patriarcais divisões sexuais do trabalho camponês (PAULILO, 2016), sobretudo do trabalho reprodutivo, o que gerado sobrecargas de trabalhos, associados a possíveis abortos e adoecimentos femininos.

Outrossim, essa agroecologia mais que uma ciência, movimento social ou uma prática de agricultura (ALTIERI, 2009), buscada desde a perspectiva dos sujeitos pesquisados (BRANDENBURG e FERREIRA, 2012; SILIPRANDI, 2015), tem significado para elas um *ethos* e um estilo de vida (GEERTZ, 2012) que lhes têm possibilitado construir um tipo específico de bem viver (GUDYNAS, 2011) feminino camponês popular Sem Terra:

N: pense, eu comer as coisas aqui da minha horta sabendo que não tem um pingo de veneno. [...] Orgânico na horta né, daí tem o milho e feijão [...]. Você veja que gostoso, porque nós estamos comendo saúde. Estamos respirando um ar bom, tendo uma vivência comunitária boa, temos uma ideia política da nossa formação, e somos pessoas que procuramos pelo menos os alimentos que nós produzimos e que nós vendemos, nós comemos bem. [...] Pelo menos eu acho que isso é maravilhoso para mim. [...] Por isso que eu fico f. da cara com tantas terras e o governo não valorizar né a colocação das famílias, pequenos pedaços de terra né, um dois alqueires para uma família já servia né, que quisesse produzir (ENTREVISTADA N.)

Esse bem viver está associado a estados de tranquilidade, “sossego”, à alimentação saudável, ao convívio comunitário amistoso, à capacidade de exercer atividades prazerosas, criativas e de empatia com a natureza, de ser um trabalho que se localiza nas imediações de suas residências, possibilitando maior contato com os filhos, e maior controle do tempo.

Isso, segundo muitas delas, têm sido o “antídoto” mais seguro contra depressões, ansiedades, nervosismos e prevenção de doenças. Seja pela alimentação mais saudável que passam a ter, ou pelo fato de exercitarem o corpo no trabalho de cultivar a Terra, pelo prazer em cultivar as plantas e animais.

Esse trabalho todo é interceptado por construções democráticas e de gênero do movimento social, que associa terra, território, trabalho, renda, subjetividades e cuidado (TRONTO, 2008; PULEO, 2013) em dimensões ampliadas, de forma propositiva com o conjunto da sociedade e natureza.

Dessa forma, a concepção de saúde coletiva emergente (SOUSA SANTOS, 2001) através dessa experiência das mulheres Sem Terras com a agroecologia, corrobora



com as proposições e problematizações conceituais presentes nos estudos realizados por Porto, Rocha e Finamore (2014).

Construindo a saúde coletiva desde um enfoque crítico e transformador, tal como sugerem Porto, Rocha e Finamore (2014), a saúde coletiva, também compreendida pelas mulheres desde perspectivas materiais e simbólicas de forma complexa, englobando terra, trabalho, renda, comunidade, convívio coletivo, movimento social, autoconfiança e empatia com a natureza, a reconstruções de gênero, ao mesmo tempo em que integra corpo físico, psique e cosmovisão.

## **Conclusões**

As intersecções entre agroecologia, saúde e gênero puderam ser encontradas através de práticas agroalimentares, que destacam a saúde do corpo através da alimentação, e também através do trabalho criativo e gerador de saúde mental.

Essa agroecologia se constitui como um *ethos* e um estilo de vida que constrói um tipo específico de Bem Viver feminino camponês popular Sem Terra. A saúde coletiva nesse bojo é problematizada desde essa perspectiva material e simbólica democrática e feminina de bem viver, interseccionando terra, trabalho, renda, autoconfiança, prazer, realização e convívio comunitário amistoso.

## **Referencias bibliográficas**

ALTIERI, M. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 5. ed. Porto Alegre: UFRGS. 2009.

BRANDENBURG, A.; FERREIRA, A, D, D. **Agricultores ecológicos e o meio ambiente rural**: visões interdisciplinares. São Paulo: Annablume. 2012.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GUDYNAS, E. Buen Vivir: germinando alternativas ao desarrollo. America Latina em Movimento. ALAI. nº462. Febrero, Quito. 2011.

LEFF, E. **La Apuesta por la vida**: imaginación sociológica e imaginarios sociales en los territorios del sur. São Paulo: Editora Vozes. 2014.

LEON, M. **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Tercer Mundo S.A. Bogotá. 1997;

PORTO, M. F; ROCHA, D. F.; FINAMORE, R. Saúde coletiva, território e conflitos ambientais: bases para um enfoque socioambiental crítico. In: Ciência & Saúde Coletiva, 19(10):4071-4080, 2014 p. 4071-4080.

**XI CBA**  
**Congresso**  
**Brasileiro de**  
**Agroecologia**  
Ecologia de Saberes:  
Ciência, Cultura e Arte na  
Democratização dos  
Sistemas Agroalimentares



PAULILO, M.I.S. **Mulheres rurais**: quatro décadas de diálogo. Editora UFSC. Florianópolis. 2016.

PULEO, A. **Ecofemismo para outro mundo possible**. Kobo Editions. ES. 2013.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia**: transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2015.

SOUSA SANTOS, B. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 3ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TRONTO, J. Assistência democrática e democracias assistenciais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 285-308, maio/ago. 2007.